

“SE É QUE EXISTE REINCARNAÇÕES¹, EU QUERO VOLTAR SEMPRE PRETA”: A COR, O CORPO E AS PALAVRAS INSUBMISSAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

“IF REINCARNATIONS EXIST, I WANT TO ALWAYS COME BACK BLACK”: COLOR, THE BODY AND THE UNSUBMISSIVE WORDS OF CAROLINA MARIA DE JESUS

“SI EXISTEN LAS REENCARNACIONES, QUIERO VOLVER SIEMPRE NEGRA”: EL COLOR, EL CUERPO Y LAS PALABRAS INSUMISAS DE CAROLINA MARÍA DE JESÚS



10.56238/revgeov16n4-009

Eliesio Costa Lima

Doutorando em Letras

Instituição: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

E-mail: eliesiocosta2000@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-2498-606X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2496541324385758>

Kátia Carvalho da Silva Rocha

Doutora em Letras (Ciência da Literatura)

Instituição: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

E-mail: katiacarvalho@uemasul.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9391-0526>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4138135032094182>

Gilberto Freire de Santana

Doutor em Letras (Ciência da Literatura)

Instituição: Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL)

E-mail: gilbertosantana@uemasul.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3018-3018>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6150134001200551>

RESUMO

A mulher negra tem sido marginalizada historicamente, muitas vezes, vivendo o apagamento social, literário ou experienciando a escuridão de quem, mesmo presente, não é notada, diante da recusa de muitos em vê-la, em perceber a sua força, a sua criatividade, a sua luz. Contudo, há mulheres negras que não se calam, há Carolina que se autorrepresenta de forma positiva, empoderada, que mesmo em meio à escuridão, brilhou, fez ouvir a sua voz. Este trabalho tem o objetivo de tecer algumas reflexões sobre a autorrepresentação de Carolina Maria de Jesus, especialmente por meio de excertos de sua obra Quarto de despejo: diário de uma favelada (2014). Para tanto, apoia-se teoricamente nas contribuições de Souza (2021), Jodelet (2001), Ribeiro (2020), Teixeira (2016), Galvão (2017), Gonzalez (2020) entre outros.²

¹ A grafia “reincarnações”, neste título, foi mantida conforme aparece no texto original de Quarto de despejo, visando preservar a fidelidade à fonte.

² Este trabalho é parte integrante da dissertação “NARRATIVAS DE (RE)EXISTÊNCIAS: a escrita escrevente de



Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Negritude e Resistência. Corpo e Linguagem Subversiva.

ABSTRACT

Black women have historically been marginalized, often experiencing social and literary erasure or the darkness of those who, even present, go unnoticed, given the refusal of many to see them, to perceive their strength, their creativity, their light. However, there are Black women who do not remain silent. There is Carolina, who represents herself positively, empoweredly, who, even amidst the darkness, shined and made her voice heard. This work aims to reflect on the self-representation of Carolina Maria de Jesus, especially through excerpts from her work "Quarto de despejo: diário de uma favelada" (2014). To this end, it draws theoretically on the contributions of Souza (2021), Jodelet (2001), Ribeiro (2020), Teixeira (2016), Galvão (2017), Gonzalez (2020), among others.

Keywords: Carolina Maria de Jesus. Blackness and Resistance. Body and Subversive Language.

RESUMEN

Las mujeres negras han sido históricamente marginadas, experimentando a menudo el borrado social y literario o la oscuridad de quienes, incluso presentes, pasan desapercibidas, ante la negativa de muchos a verlas, a percibir su fuerza, su creatividad, su luz. Sin embargo, hay mujeres negras que no permanecen en silencio. Está Carolina, que se representa a sí misma de forma positiva y empoderada, quien, incluso en medio de la oscuridad, brilló y se hizo oír. Este trabajo busca reflexionar sobre la autorrepresentación de Carolina Maria de Jesus, especialmente a través de fragmentos de su obra "Quarto de despejo: diário de uma favelada" (2014). Para ello, se basa teóricamente en las contribuciones de Souza (2021), Jodelet (2001), Ribeiro (2020), Teixeira (2016), Galvão (2017), Gonzalez (2020), entre otros.

Palabras clave: Carolina Maria de Jesus. Negritud y Resistencia. Cuerpo y Lenguaje Subversivo.

Carolina Maria de Jesus”, de Eliesio Costa Lima. A dissertação, defendida em 16 de junho de 2025, foi desenvolvida sob orientação da profa. Dra. Katia Carvalho da Silva Rocha, no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLE), da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL).



1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a mulher negra tem sido marginalizada em todos os espaços da esfera social. Isso acontece devido ao racismo, um problema estrutural que, sendo herança de um passado colonial, continua a operar na vida da pessoa negra. Em meio a opressão de raça, a mulher negra tem sido posta em silêncio, sem ter participação no cânone literário e sendo impedida de exercer o direito de falar. Carolina Maria de Jesus vivenciou essa experiência do silêncio, até que um dia o mundo ouviu a sua voz.

As palavras de Carolina são força e representação, é a voz insurgente da mulher negra que emerge com a força de muitas vozes caladas historicamente, são palavras que cortam como espada. Que abrem o caminho para um novo tempo, onde todos terão direitos iguais. Tendo essa potência de sentido e de ação, as palavras de uma mulher negra como Carolina precisam, cada vez mais, aparecer.

Tendo isso como base, este trabalho pretende fazer algumas reflexões sobre como Carolina Maria de Jesus representa não só a si mesma, mas também outras mulheres negras que vivenciam situações semelhantes às dela. Analisa-se, para isso, alguns excertos de sua obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), apoiando-se teoricamente nas contribuições de Galvão (2017), Souza (2021), Jodelet (2001), Ribeiro (2020), Teixeira (2016), Gonzalez (2020) entre outros. A discussão se inicia buscando evidenciar o orgulho da autora acerca da sua identidade negra, depois, na segunda parte, fazem-se algumas reflexões sobre o simbolismo da cor preta na obra *Quarto de despejo* (2014), não só como simples estética do mundo, das coisas, mas como símbolos, tanto na cor da exclusão, quanto na cor de pele que se afirma com orgulho. Nos dois tópicos seguintes, reflete-se ainda mais sobre como a escrita de Carolina emerge como autorrepresentação da mulher negra, contribuindo, assim, para a afirmação da identidade negra feminina.

2 DA REJEIÇÃO AO ORGULHO: CAROLINA QUER SER SEMPRE CAROLINA

Os discursos de Carolina sobre si mesma são sempre positivos, o que demonstra que ela não permitia que o seu corpo negro, bombardeado pelo racismo por meio de discursos agressivos, fosse tido como limitado em qualquer aspecto. A tentativa de deslegitimá-la, por ser mulher negra, ocorreu não apenas no nível estético, mas também no intelectual, o que pode ser visto no fato de ela nunca ter conseguido a publicação de seus escritos em nenhuma editora: “— Pois é, Toninho, os editores do Brasil não imprime o que escrevo porque sou pobre e não tenho dinheiro para pagar. Por isso eu vou enviar o meu livro para os Estados Unidos. Ele deu-me vários endereços de editoras que eu devia procurar” (Jesus, 2014, p. 133). Carolina justifica a rejeição pela sua condição social, afirmando que não tinha dinheiro para pagar.



Quando tenta a publicação na *The Reader's Digest*³, revista estadunidense, ela também não obtém sucesso: “Fui no Correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos. (...) Cheguei na favela. Triste como se tivessem mutilado os meus membros. O *The Reader Digest* devolvia os originais” (Jesus, 2014, p. 154). Entretanto, quando a publicação é mediada por Audálio Dantas, homem branco, o livro finalmente vem à tona para o grande público. Ao discutir essa realidade, Silva (2019, p. 2) argumenta que “a publicação da obra de uma ‘negra pobre’ só será tornada possível por meio de uma efetiva mutilação de seu *corpus*”. Segundo ele, a edição dos diários de Carolina por Audálio Dantas deixou cicatrizes no corpo do texto, sob o estigma das reticências, isto é, os fragmentos suprimidos do texto de Carolina foram substituídos por essas marcas de omissão. Isso demonstra como a publicação dos escritos de Carolina estiveram condicionados a intervenções externas, refletindo os desafios enfrentados por escritores negros em um mercado editorial excludente.

O fato de Carolina nunca ter conseguido a publicação de seus escritos, enquanto um homem branco mediador, Audálio Dantas, foi capaz de torná-los viáveis, sugere que a rejeição não teve como base a qualidade de seu trabalho, mas se deu por sua condição de mulher negra. Esse contexto de marginalização pode ser confirmado ainda mais pelo caso dos diretores de circo que também rejeitaram suas peças por ela ser negra. Quando Carolina apresenta seus trabalhos a eles, a resposta que dão é: “—É pena você ser preta” (Jesus, 2014, p. 64). Contudo, mesmo diante dessas exclusões, Carolina se manteve subversiva, desafiando as normas sociais ao afirmar com orgulho sua identidade negra. Ela se recusou a ser diminuída pelos estereótipos, como se observa no excerto a seguir, em que exalta seus traços afrodescendentes:

eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. E indisciplinado. Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta (Jesus, 2014, p. 64).

De acordo com Ribeiro (2020, p. 44), “definir-se é um status importante de fortalecimento e de demarcação de possibilidades de transcendência da norma colonizadora”. Portanto, a forma como Carolina se define positivamente como mulher negra pode contribuir para romper com os padrões e valores de uma herança colonial, fixados no pensamento e nas estruturas sociais. Afinal, até mesmo as publicidades na mídia reforçam os estereótipos acerca dos traços negros femininos, como exemplifica

³ A revista *Reader's Digest*, ou, *The Reader's Digest*, mencionada por Carolina Maria de Jesus, foi fundada em 1922, nos Estados Unidos, por DeWitt Wallace. No Brasil, foi lançada em fevereiro de 1942 sob o título *Seleções*. Inicialmente, a publicação mensal obteve grande sucesso, com a primeira edição vendendo 100 mil exemplares. Ao longo das décadas, a revista tem oferecido conteúdo diversificado sobre saúde, beleza, meio ambiente e cotidiano, estando ativa até hoje. Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de despejo*, relata que submeteu seus manuscritos a essa revista e que eles foram rejeitados, com a publicação dessa obra ocorrendo pela primeira vez somente após a mediação de Audálio Dantas, que fez edições ao longo do texto, fazendo também recortes de partes que considerava exaustivas pela repetição do cotidiano da autora. Para mais detalhes sobre a *The Reader's Digest*, acesse o site oficial da revista, disponível em: <https://selecoes.ig.com.br/institucional/selecoes-oito-decadas/>.

uma propaganda de 2012, da marca Bombril, que usou a imagem do cabelo crespo da mulher negra associando-o ao nome da marca com o objetivo equivocado de exaltar os seus traços físicos (Silva e Zarbato, 2020). Ao assumir o seu cabelo afro, sua cor de pele e as características de seu corpo negro, Carolina está, portanto, contribuindo para a quebra das manifestações racistas e para que outras mulheres assumam a sua ancestralidade negra.

3 “NEGRA É A NOSSA VIDA”: O SIMBOLISMO DA COR PRETA NA EXPERIÊNCIA DE CAROLINA

Além do aspecto do seu cabelo, em *Quarto de despejo* (2014), um ponto central na representação de Carolina como mulher negra está na cor preta, que não somente reflete a sua identidade racial (devido ao tom mais escuro de sua pele, pela presença de mais melanina), mas permite analisar outras dimensões de sua experiência: a fome; sua posição na literatura, fora do cânone; seu lugar social e de fala (*locus*) como moradora da favela; o racismo (que se configura em um conflito em relação à sua identidade negra); o descaso político, entre outros. É possível também falar de sua autoafirmação como sujeito negro, requisito sem o qual, não há como falar de autorrepresentação da mulher afrodescendente a partir de sua vivência.

Para ilustrar como a cor preta atravessa as dimensões da vida e experiência de Carolina, destaca-se sua seguinte fala: “A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro” (Jesus, 2014, p. 167). Aqui, a autora não só assume a cor de sua pele, como também fala da escuridão em que estava inserida, um lugar sem brilho, marcado pelo apagamento e esquecimento. A favela é um lugar onde Carolina enfrenta várias dificuldades, especialmente a fome extrema, experimentada por ela e seus filhos diariamente. Outrossim, para além da fome, do silêncio e do apagamento, essa fala de Carolina diz muito sobre a segregação racial que se instaurou nas favelas, ambientes que ao longo da história, muitas vezes, se tornaram “guetos” brasileiros.

Em outro momento, de modo semelhante ao uso da cor preta como sinônimo da escuridão e exclusão, Carolina também atribui um sentido ambíguo à palavra “negra” que, ainda que no sentido original se refira à “raça”, quando usada no seguinte fragmento de seu texto transcende a identidade racial, passando a fazer relação com a dureza da existência da autora. Nas anotações do dia 23 de maio de 1958, Carolina relata: “quando puis a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia (Jesus, 2014, p. 43). Aqui a palavra “negra” evoca simbolicamente a cor da escuridão que permeia a existência de Carolina devido à marginalização social em que vive, em um ambiente de fome, pobreza e esquecimento.



4 PALAVRAS QUE FEREM MAIS DO QUE ESPADA: A ESCRITA COMO UM ATO DE RESISTÊNCIA

A vida de Carolina Maria de Jesus foi marcada pelo desejo de ser escritora e pela marginalização social. Nesse sentido, é fundamental destacar que essa exclusão tem base em um sistema de classes que define as oportunidades e o reconhecimento ou não reconhecimento dos indivíduos e suas capacidades, a exemplo do que acontece com o negro, como explica Souza (2021, p. 48): “nas sociedades de classes multirraciais e racistas como o Brasil, a raça exerce funções simbólicas (valorativas e estratificadoras)”. Isso explicita que as dificuldades enfrentadas por Carolina não são um acaso, mas consequências de um sistema opressor que interfere na ascensão e no reconhecimento das pessoas negras.

A luta constante de Carolina na tentativa de ser reconhecida como escritora e para publicar seu livro ilustra essa dinâmica de exclusão: “Cansei de suplicar às editoras do país e pedi à editora Seleções [do Reader's Digest] nos Estados Unidos se queria publicar meus livros em troca de casa e comida e enviei uns manuscritos para eles ler. Devolveram-me...” (Jesus, 2014, p. 195). Esse tipo de rejeição, que pode ser doloroso para qualquer um que dedica sua vida à escrita, como Carolina, é expressado de forma pungente por ela mesma: “A pior bofetada para quem escreve é a devolução de sua obra” (Jesus, 2014, p. 154). Mesmo diante dessas barreiras, Carolina manteve sua determinação e persistiu, afirmando sua identidade e denunciando as estruturas que tentavam silenciar vozes como a dela.

Em contextos como esse, a pressão exercida pela sociedade racista frequentemente força os indivíduos negros a buscar estratégias de sobrevivência para tentar alcançar reconhecimento. Como destaca Souza (2021),

Foi com a disposição básica de ser gente que o negro organizou-se para a ascensão, o que equivale dizer: foi com a principal determinação de assemelhar-se ao branco — ainda que tendo que deixar de ser negro — que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente (Souza, 2021, p. 50).

Carolina, no entanto, não segue esse caminho. Em vez de negar sua identidade racial diante da exclusão em que vivia por ser negra, ela a afirma constantemente. O que se vê em toda a obra *Quarto de despejo* é uma autora que se reconhece preta/negra, que é determinada, afirmando o valor do negro, bem como o valor de suas palavras e de sua força. Além disso, ela também enaltece a sua capacidade intelectual e o seu valor enquanto ser humano, construindo uma autorrepresentação poderosa por meio de seus escritos.

Mesmo com as rejeições de seus escritos pelas editoras, Carolina continuava acreditando na publicação desses textos, escrevendo-os rotineiramente⁴, mostrando que não iria parar de falar, pois

⁴ Ver *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), nas páginas 156, 158, 159 e 163.



sua escrita, como relata Galvão (2017, p. 9) “constituía o único modo possível para falar de si, para retratar-se.” Esse retratar-se não se limita à autobiografia, mas configura um ato de autorrepresentação pelo qual Carolina constrói uma imagem de si mesma, que desafia as representações hegemônicas historicamente impostas à mulher negra.

Como sujeito à margem, Carolina não encontrou maneira de fazer ser ouvida a sua voz, senão pela escrita, ainda que só recentemente ela tenha ganho de fato reconhecimento. A escrita de Carolina irrompe em um cenário de oposição à ascensão da mulher negra, adentrando em um espaço no qual, segundo Teixeira (2016), raramente ela poderia ser inserida, por escrever uma literatura que não é considerada “canônica”. Graças à sua insistência na escrita, Carolina, uma mulher negra e pobre, consegue produzir seu primeiro livro, que finalmente é publicado:

O João quando retornou-se disse que a reportagem havia saído. Vasculhei os bolsos procurando dinheiro. Tinha 13 cruzeiros. Faltava 2. O senhor Luis emprestou-me. E o João foi buscar. O meu coração ficou oscilando igual as molas de um relógio. O que será que eles escreveram a meu respeito? Quando o João voltou com a revista, li —
Retrato da favela no Diário da Carolina (Jesus, 2014, p. 171).

No excerto acima é possível notar a euforia de Carolina por ter conseguido a publicação de seus diários e, de fato, essa publicação merece comemoração. A publicação de obras de mulheres negras era ainda escassa quando Carolina é finalmente notada pela imprensa, com *Quarto de despejo*. Como menciona Teixeira (2016), “sua escrita pode ser considerada um divisor de águas na prosa literária brasileira, pois antes dela não há registro de uma inscrição autoral negra e feminina articulando na palavra cotidiana a experiência do urbano.” Essa afirmação destaca não apenas que Carolina rompe com o silêncio imposto à mulher negra, mas que escreve uma possibilidade literária ainda inexistente, alterando a percepção sobre quem poderia ocupar o lugar de escritor.

Carolina emerge no meio literário com uma escrita de muita força expressiva. Teixeira (2016) refere-se à escrita de Carolina como um ato de empoderamento. Esse empoderamento reside na habilidade de resistir e subverter as adversidades às quais ela estava submetida. Em sua escrita, ela se empodera, ao mesmo tempo em que constrói sua autoimagem e identidade.

A escrita de Carolina também representa para ela um mecanismo de proteção. Quando ameaçada, ela a transforma em ferramenta de defesa, demonstrando a força de suas palavras. Carolina sabia da força que a palavra exerce sobre o mundo e as relações humanas, como apontam Iguma e Barzotto (2011, p. 97) “acreditava veementemente no poder das palavras”. Por isso mesmo, percebe-se que ela frequentemente recorria à escrita como forma de ameaça (Teixeira, 2016), para se defender dos perigos que a cercavam em meio ao ambiente em que vivia.

Nas palavras de Galvão (2017, p. 10), o diário de Carolina provocava “medo às possíveis pessoas envolvidas, e conferia à sua protagonista narradora, ao mesmo tempo, grande autoridade e



poder simbólico”. Essa força é explicitada em momentos de confronto, como em: “Dia 1 de janeiro de 1958 ele disse-me que ia quebrar-me a cara. Mas eu lhe ensinei que a é a e b é b. Ele é de ferro e eu sou de aço. Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatrisáveis” (Jesus, 2014, p. 48). Carolina reconhece, aqui, que a sua maior força está nas palavras, elas são seu escudo e sua arma de ataque.

Segundo Iguma e Barzotto (2011, p. 98) ao utilizar-se da palavra, ela “sempre empunhava a arma mais fatal, que não verte sangue ao atingir, mas propicia reflexões e pensamentos”. Suas palavras ferem mais do que espada, elas machucam o ego daqueles que, estando no poder, zombam do negro, dos pobres, que constroem os “quartos de despejo” e lançam ali os pobres e os vulneráveis, como “trastes velhos” (Jesus, 2014, p. 195). Por meio de suas palavras, Carolina dá voz a uma coletividade de mulheres negras, ela as representa, visto que sua escrita não se limita a mostrar a miséria, as desigualdades, mas enfatiza a resiliência que está no interior da mulher negra, pois, mesmo em meio a tantas adversidades, Carolina se sobressai, se destaca em um mundo de antagonismos.

O ato de escrever é, para Carolina, o mesmo que viver. Para Galvão (2017, p. 2) “A narrativa de Carolina ‘localiza-se’ mais propriamente como uma escrita da ‘vida’”. É o meio pelo qual ela existe no mundo, pois, “falar é existir absolutamente para o outro” (Fanon, 2008, p. 33). Como Carolina se autorrepresentaria sem falar? Falar é um exercício de existência, sem o qual o indivíduo não pode se inserir nas realidades históricas que determinam a forma como ele é tratado em sociedade.

5 A ESCRITA DE SI COMO AUTORREPRESENTAÇÃO

A escrita de Carolina, para além de um texto do gênero diário, ou de características autobiográficas, é um ato de representar a si mesma, de resistir. Pontua-se, nesse caso, que toda representação, ou autorrepresentação, requer um objeto com o qual o sujeito se relaciona cognitivamente, isto é, algo que mobiliza sua construção simbólica. Para elucidar tal pensamento, elenca-se Jodelet (2001, p. 5):

De fato, representar ou se representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual o sujeito relaciona-se com um objeto. Este pode ser tanto uma pessoa, uma coisa, um evento material, psíquico ou social, um fenômeno natural, uma ideia, uma teoria etc.; pode ser tanto real quanto imaginário ou mítico, mas sempre requerer um objeto. Não há representação sem objeto.

No caso de Carolina Maria de Jesus, sua própria experiência enquanto mulher negra, pobre e favelada constitui o objeto de sua autorrepresentação. É com base nessa vivência que ela constrói um pensamento sobre si. A escrita, por sua vez, funciona como o meio através do qual essa representação se concretiza. É por meio dela que Carolina expressa seus sonhos, sua realidade e seus ideais, como se vê em sua autoafirmação enquanto poetisa: “Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido.” (Jesus, 2014, p. 39). Na sua escrita ela se vê como



poetisa e escritora, e é através desse exercício de autoafirmação que ela, mulher negra, pobre e favelada, consegue representar a si e ao outro.

Para Silva e Oliveira (2018), os textos de Carolina constituem não somente uma autobiografia, mas um panorama de milhares de mulheres que compartilham condições semelhantes às dela. Nesse sentido, Carolina representa sobretudo a mulher negra que enfrenta a marginalização social de maneira semelhante à que ela própria vivenciou. Como se observa no excerto de seu texto em que ela se autoafirma poetisa, sua escrita oferece uma representação positiva de um sujeito historicamente marginalizado.

Menciona-se ainda o pensamento de Carolina acerca da importância do povo negro. Ela tem consciência de que o povo negro é injustiçado constantemente com base na ideia de que existem raças superiores e inferiores. De fato, o racismo estabelece uma barreira que separa os considerados inferiores e os superiores (Almeida, 2020). Ciente disso, Carolina, em uma de suas reflexões acerca das desigualdades entre o negro e branco, escreve as seguintes palavras:

Fico pensando: os norte-americanos são considerados os mais civilizados do mundo e ainda não convenceram que preterir o preto é o mesmo que preterir o sol. O homem não pode lutar com os produtos da Natureza. Deus criou todas as raças na mesma época. Se criasse os negros depois dos brancos, aí os brancos podia revoltar-se (Jesus, 2014, p. 122).

Nessas palavras, a autora critica a ideia de que os norte-americanos são um dos povos mais civilizados, pondo uma falha fundamental nessa concepção de civilização, que está no fato de que se trata de um país que ainda não superou o racismo. Ela evidencia também, outra vez, que tem orgulho de sua ancestralidade negra. Para ela, o negro é a luz que brilha no mundo, e preteri-lo, ou melhor, discriminá-lo com base na “raça”, é tão irracional como ignorar algo essencial e evidente como a luz do sol.

Essa fala de Carolina encontra reflexo na fala de José (Stepan Nercessian), no filme *Xica da Silva* (1976), de Carlos Diegues, quando esse personagem reafirma o valor de Xica (Zezé Mota) como mulher negra. Na cena final, após ser humilhada e agredida pela população, que a responsabiliza pela partida do contratador de diamantes João Fernandes (Walmor Chagas), seu braço forte no Tijuco que voltava para Lisboa, Xica se vê derrotada. Desolada, declara a José, seu único amigo restante: “Não adianta, José, minha vida se acabou, sem João Fernandes, Xica da Silva não existe. Só na lembrança” (Diegues, 1976). José, no entanto, rejeita essa visão desesperada da personagem e ressignifica sua existência ao lembrá-la de quem ela é: “Protesto! Xica da Silva não vai se acabar nunca! Porque você é pra sempre, Xiquinha, e não pode se acabar. Porque sem você, os diamantes não brilham, e o fogo do mundo se apaga. Porque você é a festa, o sol do povo, e sem você a liberdade deles não serve pra nada!” (Diegues, 1976). A conversa está acompanhada da seguinte imagem:



Figura 1: cena do filme *Xica da Silva*, de Cacá Diegues (1976).

Fonte: Printscreen, obtido no Youtube.

Na imagem, José inclina-se na direção de Xica, aproximando-se com intensidade e convicção, tentando reerguê-la, com suas palavras, daquele momento de profunda desolação, que é confirmado pelo seu semblante triste. O enquadramento fechado reforça a intimidade da cena, destacando o contraste entre a desesperança de Xica e a firmeza de José ao afirmar o valor da personagem. As roupas simples de Xica revelam sua condição social de exclusão, enquanto as cores quentes revelam que mesmo em meio ao anonimato, em que Xica está (assim como o povo negro evocado por Carolina), há calor, há vida.

A fala de José estabelece um forte diálogo com a reflexão de Carolina Maria de Jesus quando faz uma associação da negritude à luz do sol, ao brilho e à indispensabilidade para a vida. Tal como Carolina denuncia a irracionalidade de preterir o negro, comparando-o ao sol, que não pode ser ignorado, José recusa a ideia de que Xica possa ser apagada, afirmando que Xica é “pra sempre”, destacando sua centralidade e importância no mundo. Ambas as falas se traduzem em resistência ao apagamento histórico e simbólico da população negra, afirmando sua presença como algo essencial e incontestável. Enquanto Carolina reivindica a importância do negro no mundo, ao questionar a hipocrisia das nações ditas civilizadas, como os Estados Unidos, José eleva Xica à condição de um símbolo imortal, cuja ausência tornaria o próprio mundo incompleto, triste, sem brilho.

A força simbólica presente tanto nas palavras de Carolina quanto na imagem cinematográfica de *Xica da Silva* (1976) aponta para a relevância das práticas de autorrepresentação como forma de resistência e construção identitária⁵. Em ambos os casos, há o gesto de se opor ao apagamento histórico

⁵ Entretanto, ainda que o filme apresente momentos de humanização e empoderamento da personagem, que auxiliam na afirmação da identidade negra feminina, é fundamental reconhecer que a direção de Cacá Diegues não está isenta de grande



da população negra e de afirmar uma presença que não pode ser silenciada. Essa autorrepresentação, como exercício de dar voz à experiência dessas mulheres, é também uma forma de produzir conhecimento e de reconfigurar os sentidos atribuídos à existência de mulheres negras na sociedade. Carolina, ao registrar em seus diários as dores e os desafios do cotidiano, mas também a forma com que ela resiste à escuridão do anonimato, não apenas narra a própria vida, mas transforma suas vivências em um espelho coletivo, no qual outras mulheres negras que também resistem à exclusão podem se reconhecer.

Destaca-se, nesse contexto, a argumentação de Silva (2019), de que as representações sociais (que são desenvolvidas a partir das relações sociais no mundo da vida), baseiam-se em saberes que são ressignificados em práticas cotidianas e que contribuem para a singularização das mudanças sociais na ordem estabelecida. Isso implica que, Carolina, ao lado de outras mulheres negras que registraram suas vivências cotidianas e seus pensamentos, como Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Grada Kilomba, Sojourner Truth, entre outras, contribui para singularizar e ressignificar o discurso das mulheres afrodescendentes que clamam por direitos historicamente negados. Sua voz reflete o clamor de todas as mulheres negras que anseiam pelo dia em que se faça ouvir “o eco da vida-liberdade” (Evaristo, 2017, p. 25), uma vida igualitária em que a mulher negra não gritará mais como sujeito oprimido, mas como cidadã livre.

Essa atuação de Carolina na ressignificação das narrativas marginalizadas faz relação com a fala de Jodelet (2001, p. 5), quando afirma que as representações “intervêm em processos tão variados quanto a difusão e a assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações sociais”. Dessa maneira, enquanto representa a si mesma, Carolina contribui para a definição das identidades dos excluídos, ela é expressão de si e do coletivo. Nesse sentido, Teixeira (2016, p. 287) destaca que “Ela é a voz legítima de representação dos oprimidos”, de modo que sua escrita se torna uma ferramenta capaz de ampliar a voz daqueles que historicamente foram silenciados.

A relevância do protagonismo de mulheres negras como Carolina reside na capacidade de romper com as narrativas únicas que as marginalizam. Adichie (2019) chama atenção para o perigo da narrativa contada a partir de uma perspectiva única, pois ela pode ser vista como verdadeira quando é a única existente. Essa história, no caso da mulher negra, é carregada de estereótipos e, como menciona Adichie (2019, p. 26), “o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.” O problema recorrente da

falha, pois recorre à sensualidade de Xica da Silva como principal recurso de construção de seu papel na obra. Xica, entretanto, tem consciência de que seu corpo é lido como objeto de desejo e, vendo que, por ser mulher negra, está inserida em um mundo de opressão constante, utiliza dessa condição para ascender socialmente. Atentar para essas questões na obra é essencial, pois, ao mesmo tempo em que o filme é um grande instrumento de desconstrução de estereótipos no cinema nacional, também pode conter, ainda que de forma não intencional, momentos que os fortalecem.



narrativa sobre a história da mulher negra é que ela é frequentemente apresentada como intelectualmente inferior, menos capaz e sempre à margem, enquanto se omitem suas lutas, conquistas e estratégias de resistência.

Há por trás da história única, barreiras sociais que impedem a ascensão da mulher negra, como as que são mostradas por Carolina Maria de Jesus, isto é, a pobreza, a falta de oportunidade de estudo, a falta de apoio intelectual a falta de ser ouvida. Como menciona Silva e Oliveira (2018, p. 12), “certamente, a escassez dessas mulheres não tem origem na incapacidade destas em ocupar lugares de liderança ou representatividade, mas numa estrutura social trançada pelas opressões de gênero⁶, de raça e classe.”. Posta nessa situação de esquecimento, Carolina cria diariamente estratégias de sobrevivência e resistência.

A figura de Carolina é um símbolo potente da mulher negra brasileira. Em primeiro lugar, ela se orgulha de sua identidade racial, declarando, por exemplo, que, se pudesse reencarnar, queria retornar “sempre preta” (Jesus, 2014, p. 64). Ademais, Carolina se posiciona como uma mulher subversiva: no esquecimento, ela, que afirma ter a impressão de ser “um objeto fora de uso” (Jesus, 2014, p. 37) ou um traste velho, se dispõe a falar ao mundo, desafiando diretamente o lugar de marginalidade que lhe é imposto.

Gonzalez (2020), dialogando com o pensamento de Jacques-Alain Miller em sua obra *Teoria da Alingua*, (1976), observa que o negro é colocado na “lata de lixo da sociedade brasileira” (Gonzalez, 2020, p. 225), pela lógica da dominação, uma lógica que tenta domesticá-lo e silenciá-lo. Carolina, contudo, não aceita essa condição; ao contrário, utiliza sua escrita como um ato poderoso de resistência e de fala. Lélia Gonzalez, mulher negra, reconhece esse estado marginal da mulher afrodescendente e o desafia ao afirmar: “o lixo vai falar, e numa boa” (Gonzalez, 2020, p. 225). Carolina é a materialização dessa fala subversiva. Mesmo diante da opressão, ela afirma: “Mas eu sou forte! Não deixo nada imprecionar-me profundamente. Não me abato.” (Jesus, 2014, p. 21). Sua escrita não apenas dá voz a si mesma, mas também expõe e desafia as estruturas que buscam silenciá-la, transformando sua condição marginalizada em um ponto de partida para reivindicar sua existência plena.

A sua escrita se torna o seu lugar de fala, no qual ela não se limita, mas critica a corrupção da política brasileira, bem como a sociedade machista, capitalista e racista, independente de não ter sido bem recebida na época que escreveu, como ela menciona: “eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade” (Jesus, 2014, p. 197). Embora Carolina não tenha sido de fato valorizada como intelectual na época em que publicou *Quarto de despejo*, sua voz ecoa nos dias atuais como referência para outra geração que busca

⁶ A grafia “gênero” utilizada por Silva e Oliveira (2018) reflete o uso do português europeu, presente na obra citada. O trabalho, publicado em Portugal pelo Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, demonstra uma escolha linguística compatível com o contexto de publicação e a norma adotada pelos autores.

romper com os paradigmas da opressão social, destacando-se especialmente nas relações raciais e na valorização das produções femininas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visou, sobretudo, tecer algumas reflexões sobre a autorrepresentação da mulher negra por meio da vivência de Carolina Maria de Jesus, descrita em sua escrita. Para tanto, foram analisados excertos de sua obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2014), bem como diversos textos teóricos. Constatou-se que, diante de um mundo onde a mulher negra foi historicamente marginalizada (e continua a ser), o ato de escrever sobre si é um ato insurgente, rebelde, contra os padrões eurocêntricos que aprisionam e lançam à margem o povo negro. Ao escrever com uma voz empoderada, Carolina passa a representar não apenas a si mesma, mas também uma coletividade de mulheres negras que vivenciam ou vivenciaram situações semelhantes às dela.

Carolina sonhou ser escritora e concretizou esse sonho. Ainda que sua voz não tenha ganhado eco quando ela falou, agora, aos poucos, começa a se tornar audível. Como analisou-se neste trabalho, ela tinha convicção de que era poeta, tinha orgulho de sua escrita, bem como, tinha orgulho de suas palavras, de sua pele, de seu cabelo. Carolina, dessa maneira, empodera o corpo e a identidade negra. É preciso que discuta-se Carolina, que ela seja levada mais longe, na universidade, nas discussões em rodas de conversa da escola, no teatro e em qualquer lugar onde se possibilite falar de sua força e de seu orgulho identitário. Este trabalho, ao tecer essas reflexões, espera contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e plural, onde as palavras não só sejam ditas, mas ouvidas. Que as palavras de Carolina continuem a ecoar e transformar vidas!



REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GALVÃO, A. M. de C. Carolina Maria de Jesus: sua escrita, sua vida. **Revista de História e Estudos Culturais**, [S. L.], v. 14, n. 2, p. 1-17, jul./dez., 2017. Disponível em: <https://revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/472>. Acesso em: 27 out. 2024.
- GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. (Org.): Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- IGUMA, A. de O. A.; BARZOTTO, L. A. Diário de uma favelada: um mundo narrado. **Revista Cerrados**. v. 20, n. 31, p. 93-106, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/26050>. Acesso em 18 dez. 2024.
- JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. **As representações sociais**, v. 17, n. 44, p. 1-21, 2001.
- RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- SILVA, F. R. do N.; OLIVEIRA, P. M. A. de. *Quando a mulher negra subalterna fala*: diálogos entre Gayatri Chakravorty Spivak e Carolina Maria de Jesus. **IS Working Paper**, Porto, 3. Série, N. 74, p. 1-18, nov., 2018. Disponível em: <https://isociologia.up.pt/bibcite/reference/882>. Acesso em: 27 out. 2024.
- SILVA, R. G. T. da. Des(p)ejo das palavras: relendo os primeiros diários de Carolina Maria de Jesus. **Revista Estudos Feministas**: Florianópolis. v. 27, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/wnSRNgBgRMrLypsdNfhWX4s>. Acesso em 20 mar. 2025.
- SILVA, S. L. P. da. **O lugar do outro**: ação comunicativa representações sociais e identidade. Macaé: Editora NUPEM, 2019.
- SILVA, T. G. P. da.; ZARBATO, J. A. M. Reflexões sobre a representação feminina negra (cabelo Afro) como identidade e afirmação racial. Ponta Grossa: **Perspectivas Web**. Anais XI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História. 17, 18, 19 e 20, nov. ABEH, 2020. Disponível em: https://www.abeh.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=429. Acesso em: 06 ago. 2024.
- SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro, Zahar, 2021
- TEIXEIRA, N. B. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. **Scripta Uniandrade**, Curitiba, v. 14, n. 2, p. 270-290, dez., 2016. DOI: 10.5935/1679-5520.20160030. Disponível em: <https://revistahom.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/view/414>. Acesso em: 26 out. 2024.

XICA da Silva. Direção de Carlos Diegues. Produção de Jarbas Barbosa. Brasil: Embrafilme, 1976.
1 filme (115 min). **Youtube**, 2019. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=lQMGk7LQ1AA>. Acesso em: 13 mar. 2025.

